

A escrita diária de uma “viagem de instrução” *1

Tânia Dias

I. INTRODUÇÃO

Em *Diário da minha viagem para Filadélfia*, Hipólito da Costa registra suas “notas de viagem” sob a forma de diário enquanto atravessa o Atlântico e percorre algumas cidades dos Estados Unidos no fim do século XVIII.² Uma década mais tarde, esse mesmo viajante, nascido na Colônia do Sacramento (na época, possessão da Coroa portuguesa), se tornaria o idealizador e único redator do *Correio Braziliense*, jornal impresso entre os anos de 1808 e 1822 em Londres, mas escrito em língua portuguesa. Pela leitura do periódico, fica-se sabendo que ele possuía leitores em Londres,³ em Portugal e “na[s] América[s] para onde principalmente se dirig[ia]”.⁴

Os dados que encontramos no *Diário* acerca da natureza, da vida cotidiana, política, social e econômica de algumas cidades dos Estados Unidos recém-independentes são ricos o suficiente para que Robert C. Smith, um professor da Universidade da Pensilvânia, julgasse importante, na década de 1950, publicar em inglês o texto “A Portuguese naturalist in Philadelphia”, tradução referente à parte do *Diário* em que Hipólito descreve as suas experiências na Filadélfia.⁵

O *Diário da minha viagem para Filadélfia* foi publicado pela primeira vez em 1955 e, no entanto, poucos são os estudos que apontam a sua relevância para compreendermos a concepção de jornal desenvolvida por Hipólito da Costa. Dois trabalhos recentes, porém, assinalam o papel fundamental dessa viagem na elaboração do *Correio Braziliense*. Marcos Morel em “Entre estrela e satélite” percebeu muito bem a importância dessa “viagem à Filadélfia” para o Hipólito jornalista, uma vez que foi lá que a imprensa passou a fazer parte integrante de sua vida. Segundo o autor, o contato com

* Apresentarei aqui um resumo do que virá a ser primeira parte da introdução que acompanhará a edição crítica que preparo do *Diário da minha viagem para Filadélfia*. Na segunda parte da introdução, analisarei a especificidade da escrita de Hipólito; já na terceira e última parte tentarei provar a hipótese que proponho através da leitura de algumas das quatro seções que compõem o *Correio Braziliense*.

¹ Estou literalmente me apropriando da expressão usada por Carneiro Mendonça para definir a viagem científica realizada por Manoel Ferreira Câmara Bithencourt e Sá entre os anos de 1790 e 1798 pela Europa a serviço da Coroa portuguesa. Ver MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *O intendente Câmara*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

² COSTA, Hipólito da. *Diário da minha viagem para Filadélfia (1798-1799)*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1955.

³ COSTA, Hipólito da. *Correio Braziliense ou Armazém literário*. Londres: W. Lewis, Paternoster-Row, 1810. v. 4, p. 950.

⁴ *Ibid.*, p. 611

⁵ SMITH, Robert C. A Portuguese naturalist in Philadelphia, 1799. *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*, Philadelphia: The Historical Society of Philadelphia, v. 78, jan. 1954. Devo essa informação a DOURADO, Mecenas. *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército-Editora, 1957. p. 49.

⁶ MOREL, Marcos. Entre estrela e satélite. In: DINES, Alberto; LUSTOSA, Isabel (Org.). *Hipólito José da Costa e o Correio Braziliense: estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. v. 30, t. 1, p. 281.

⁷ ALMEIDA, Paulo Roberto de. O nascimento do pensamento econômico brasileiro. In: DINES, Alberto; LUSTOSA, Isabel (Org.). *Hipólito José da Costa e o Correio Braziliense*, p. 323; cf. também DOURADO, Mecenas. *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*, p. 44.

⁸ Essa hipótese nasce da minha leitura de *O Brasil não é longe daqui*, de Flora Süssekind (São Paulo: Companhia das Letras, 1990). Enquanto a autora discute o processo de formação do narrador de ficção na produção literária oitocentista brasileira, quero analisar a constituição de uma voz narrativa que se esboça nos escritos íntimos e oficiais e que se consolidam nas páginas do *Correio Braziliense* entre os anos de 1808 e 1822,

“a imprensa vibrante da Filadélfia nos anos que sucederam à independência norte-americana [...] constituiu fundamental etapa da ‘escola de jornalismo’ de Hipólito da Costa”.⁶ Paulo Roberto de Almeida, em “O nascimento do pensamento econômico brasileiro”, ao assinalar que a missão aos Estados Unidos “dev[e] ter constituído a base do conhecimento empírico e teórico de Hipólito sobre questões econômicas e comerciais”, destaca um outro aspecto da viagem, de que tratarei logo a seguir nesse artigo, ao abordar os possíveis motivos que teriam levado a Coroa portuguesa a planejar essa viagem.⁷

Esse *Diário* tem importância capital para a minha hipótese sobre o tipo de jornalismo praticado por Hipólito nas suas folhas periódicas, porquanto ele me fornece elementos preciosos sobre a formação intelectual de seu autor e seu modo de se relacionar com outros povos. A hipótese que defendo é que essa experiência de viajante de Hipólito da Costa vai interferir na sua tarefa posterior de redigir e editar o *Correio Braziliense*. A viagem e o exercício quase cotidiano de escrita – o registro miúdo, ainda que muitas vezes apressado, do visto, do conversado e do lido – vão servir de modelo e de interlocutor ao tipo de narrativa desenvolvida nas páginas do jornal.⁸

A hipótese de Marcos Morel tangencia a minha própria; entretanto, o percurso que pretendo observar na trajetória de formação de Hipólito da Costa não é tanto o aprendizado do seu ofício de jornalista, mas sim verificar como a escrita do *Diário* – que faz parte integrante do seu processo de formação – vai modelar a prática discursiva do futuro editor e o formato assumido por seu periódico: modos de olhar, modos de descrever e de narrar o mundo que vão se delineando à medida que se investiga com quem e para quem fala Hipólito ao escrever o seu *Diário*. Essa experiência lhe fornece ainda assuntos variados para serem veiculados em “Comércio e Arte”, seção do jornal que parece ter sido também inspirada nessa viagem. Pretendo, portanto, investigar a recepção dos textos tratados no *Correio Braziliense*, analisando particularmente a constante preocupação de seu editor em fundamentar as informações sobre os progressos que pôde verificar na república norte-americana, mos-

trando que tais conhecimentos adquiridos poderiam ser aplicados em Portugal e seus domínios em prol de seu desenvolvimento. Essa preocupação, determinante para a feitura do periódico, configura sem dúvida alguma o que se poderia chamar de uma pedagogia de viajante.

2. POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES DA VIAGEM

O *Diário da minha viagem para Filadélfia* nasce de circunstâncias bem específicas: em outubro de 1798, quase quatro meses depois de formado em direito pela Universidade de Coimbra, Hipólito da Costa segue para os Estados Unidos da América e o México em missão oficial, idealizada por d. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro dos Domínios Ultramarinos⁹ desde setembro de 1796 quando é convocado a deixar o cargo de embaixador português na Sardenha para “formular e aplicar as reformas” já esboçadas pelo até então responsável pelos assuntos coloniais, Luiz Pinto Coutinho, que ocupava interinamente o cargo desde a morte de Martinho de Mello e Castro em 1795.¹⁰

No “Discurso de d. Rodrigo de Sousa Coutinho”, apresentado às “juntas compostas de Ministros de Estado e de pessoas as mais conspícuas pelos seus empregos e talentos”, encontra-se um plano sistemático de reformas para a administração dos assuntos da Fazenda e do “sistema político que mais convém que a [...] Coroa abrace para a conservação dos seus tão vastos domínios, particularmente os da América, que fazem propriamente a base da grandeza do augusto trono [português]”.¹¹ A elaboração das reformas propostas – cuja primeira versão aparece, segundo Kenneth Maxwell, em 1798, “depois de quase três anos de estudo e de planejamento” – teria sido feita por meio de “evidências”, “recomendações” e, sobretudo, “informações práticas” retiradas de pesquisas encomendadas por d. Rodrigo Coutinho a um grupo de “brasileiros” eruditos que estudou em universidades européias.¹²

período imediatamente anterior àquele em que nasce os primeiros exercícios de ficção brasileira tratados em *O Brasil não é longe daqui*.

⁹ COUTINHO, Rodrigo de Souza. Para Hipólito José da Costa. Instruções expedidas por d. Rodrigo de Souza Coutinho, do Palácio de Queluz em 22 de setembro de 1798. In: FURTADO, Alcebiades. Biografia de Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo: Tip. do Diário Oficial, v. 17, p. 237-240, 1912; cf. também Dourado, *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*, cap. 2, 3.

¹⁰ Cf. MAXWELL, Kenneth. *Acomodação*. 2. ed. In: _____. *A devassa da devassa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

¹¹ COUTINHO, Rodrigo de Souza. Discurso de d. Rodrigo de Souza Coutinho. In: CARNEIRO, *O intendente Câmara*, p. 278. Uma cópia desse documento encontra-se na Coleção Linhares, I-29, 13, 16, Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com o título de “Discurso pronunciado por d. Rodrigo de Souza Coutinho perante a Junta de Ministros e outras pessoas sobre assuntos referentes ao desenvolvimento econômico e financeiro de Portugal e Domínios Ultramarinos, principalmente o Brasil”.

¹² MAXWELL, Kenneth. Acomodação, p. 236-240. Sobre esse assunto, cf. também NOVAIS, Fernando A. *Portugal e a crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1981; e LYRA, Maria de Lourdes Vianna. *A utopia do poderoso império*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1994.

¹³ COUTINHO, Rodrigo de Souza. Discurso de d. Rodrigo de Souza Coutinho, p. 278.

¹⁴ Discurso de d. Rodrigo de Souza Coutinho, cf. nota 11; Para Hipólito José da Costa, cf. nota 9; sobre a “Memória”, cf. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos em 1789 por Hipólito da Costa. *Revisita do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Tip. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, t. 21, n. 3, 1858; COSTA, Hipólito da. *Diário da minha viagem para Filadélfia*.

¹⁵ COUTINHO, Rodrigo de Souza. Discurso de d. Rodrigo de Souza Coutinho, p. 284, 285.

¹⁶ COUTINHO, Rodrigo de Souza. Para Hipólito José da Costa, p. 253, 254.

¹⁷ COSTA, Hipólito da. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos em 1789 por Hipólito da Costa, p. 354.

A análise mais detida de alguns dos “princípios gerais que deveriam formar um sistema político para a reunião e consolidação das vastas e distantes partes [...] da monarquia [portuguesa]”,¹³ sugere-nos que a viagem de Hipólito da Costa aos Estados Unidos tem relação direta com a formulação desse plano de reformas, na medida em que alguns do elementos ali tratados como prioridade vêm a ser objeto e matéria de sua pesquisa nos Estado Unidos. Uma comparação entre os documentos “Discurso de d. Rodrigo de Sousa Coutinho”, “Para Hipólito José da Costa”, “Memória” e do *Diário da minha viagem para Filadélfia*¹⁴ pode nos dar a real medida do que se quer comprovar. É o caso, por exemplo, do especial interesse demonstrado por d. Rodrigo em seu “Discurso” sobre a necessidade de “animar as culturas existentes e naturalizar no Brasil todos os produtos que se extraem de outros países [...], quais o açúcar, [...] o café, o índigo, o arroz, o linho [...] e as carnes salgadas”; ou ainda da atenção dirigida à “navegação e abertura dos rios”.¹⁵

Ora, a preocupação com o aperfeiçoamento de culturas já existentes e a introdução de novos produtos provenientes de outros países se mantêm em suas “Instruções” a Hipólito da Costa. D. Rodrigo pede-lhe que pesquise a “planta do tabaco”, a “cultura do linho cânhamo”, “as plantas cereais”, os “prados artificiais, o *acer sacharinum* de que se retira o açúcar”, a “cultura das batatas” e que lhe envie “todas as observações que puder sobre a agricultura dos Estados Unidos”. Mas a sua preocupação não se restringe à agricultura; quer que sejam estudados também “alguns trabalhos sobre os minerais” e “as obras hidráulicas”.¹⁶

Sobre a agricultura, por exemplo, Hipólito da Costa envia informações completas acerca de todas as árvores cultivadas pelos americanos que pudessem ser de “grandes proveitos” no reino e nas províncias ultramarinas. Mas avisa também que “os habitantes dos Estados Unidos têm adiantado muito pouco sobre a cultura das preciosas arvores que possuem, e [...] que outra qualquer nação inclinada à agricultura tiraria grandes proveitos”.¹⁷ Já sobre a navegação fluvial, Hipólito assegura a d. Rodrigo que a árvore “*Robinia*

pseudoacacia, entre os americanos *locust tree*, [...] é assaz importante pelo uso que tem na construção de navios”.¹⁸ Ainda em relação à hidráulica, menciona os “canaes que tem feito para evitar as cachoeiras ou catadupas dos rios, e comunicar uns ribeiros com outros”; além de destacar o emprego de madeira na construção dessas obras, o que simplifica e facilita a sua execução.¹⁹

Essa preocupação com o incentivo e o aperfeiçoamento de técnicas de cultivo de produtos já existentes e aclimação de novas culturas no reino foi sem dúvida nenhuma o tópico dominante das pesquisas que procediam ao “levantamento das condições naturais e econômicas do Reino e do Ultramar”²⁰, muito embora a mineração também seja tema de estudo naquele momento.²¹ O próprio d. Rodrigo de Sousa Coutinho chegou a se ocupar do tema ao publicar em 1790, pela Academia Real das Ciências de Lisboa, uma *Memória sobre a verdadeira influência das minas dos metais preciosos na indústria das nações que as possuem e especialmente da portuguesa*. E Manoel Ferreira Câmara, José Bonifácio de Andrada e Silva e Joaquim Pedro Frago dos Santos empreendem viagem de estudos à Europa, onde deveriam fazer “um curso completo de química [...], e outro de mineralogia”; adquirir todos os conhecimentos práticos sobre o assunto; “visitar as minas de Saxônia, e Boêmia e [...] outras na Hungria”; passar “à Suécia, Noruega [e] Inglaterra [para] examina-rem as minas de Escócia e País de Gales”.²²

Considerando-se a pesquisa de Fernando A. Novais sobre a política econômica das últimas décadas do período de colonização do Brasil, pode-se relacionar a viagem de Hipólito da Costa com a vontade da Coroa portuguesa, manifestada explicitamente no “Discurso de d. Rodrigo de Sousa Coutinho”, de “aument[ar] [a] quantidade e [...] melhor[ar] [a] qualidade da produção colonial”²³. A comissão que lhe fora atribuída não é, portanto, de forma alguma um fato isolado; faz parte, ao contrário, de um esforço conjunto visando “dinamizar”, “diversificar” e “aperfeiçoar” – para usar as expressões de Novais – a produção colonial, na tentativa de conquistar novos mercados e recuperar aqueles que foram perdidos.²⁴

¹⁸ *Ibid.*, p. 355.

¹⁹ *Ibid.*, p. 358

²⁰ NOVAIS, Fernando A. *Portugal e a crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*, p. 225.

²¹ Sobre alguns desses trabalhos realizados nesse período, cf. DIAS, Maria Odila L. da Silva. Aspectos da ilustração no Brasil. In: _____. *A interiorização da metrópole e outros ensaios*. São Paulo: Alameda, 2005; NOVAIS, Fernando A. *A crise do antigo sistema colonial*, p. 225-226; MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa*, p. 237-238.

²² PINTO, Luís de Souza. Instrução. In: MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *O intendente Câmara*, p. 26-27.

²³ NOVAIS, Fernando A. *Portugal e a crise do Antigo Sistema Colonial*, p. 254.

²⁴ *Ibid.*, p. 257.

²⁵ CANABRAVA, Alice. Um capítulo da história das técnicas no Brasil: o emprego do bagaço da cana como combustível dos engenhos. *Revista da Universidade de São Paulo*, n. 1, p. 101-109, 1950.

²⁶ PORTUGAL, Francisco José de. [Carta a d. Rodrigo Coutinho] apud CANABRAVA, Alice. Um capítulo da história das técnicas no Brasil, p. 284; grifos meus.

Pesquisar novos gêneros para diversificar o que se cultivava no reino, mas também estudar tudo o que pudesse contribuir para melhorar a qualidade da produção já existente era a orientação das “instruções” a Hipólito da Costa. Ao que ele atende enviando informações sobre o modo de tratar e adubar o terreno e também sobre o uso de maquinaria no beneficiamento de culturas como o fumo, o açúcar, o algodão, o linho-cânhamo e o arroz, por exemplo. Até pelo menos o fim do século XVIII, os cuidados com o processo de melhoria de cultivo de culturas agrícolas eram quase inexistentes; na indústria açucareira, por exemplo, não se tem conhecimento de “nenhum aperfeiçoamento de ordem técnica que tivess[e] importância significativa no aumento da capacidade de produção ou de melhoria da qualidade dos produtos fabricados”.²⁵

Nem mesmo o uso do bagaço de cana como combustível, técnica cujos resultados positivos foram alcançados pelos ingleses e franceses no mar do Caribe desde o século XVII, teve êxito quando experimentado na Bahia no fim do século XVIII. Em carta de 28 de março de 1798, d. Francisco José de Portugal, governador dessa província, assegura a d. Rodrigo Coutinho que nos escritos “que tratam desta materia não é bastante o que elles dizem para se adoptar e dar execução ao referido methodo como me confessaram alguns senhores de engenho”. E, continuando o seu raciocínio, insiste que “à vista do que fica exposto, só se poderá por em prática aquelle methodo se S. M. for servido mandar às mencionadas ilhas [das Caraíbas] *huma ou mais pessoa habeis que depois de fazerem as observações necessarias e as instruirem, venham a esta capitania introduzil-o*”.²⁶

É significativa a coincidência de datas: a carta de d. Francisco José de Portugal é escrita no mesmo ano em que Hipólito da Costa é enviado aos Estados Unidos e ao México; e mais significativo ainda é o fato de o açúcar estar entre os itens de que ele mais se ocupará durante a sua permanência nos Estados Unidos. Em carta da Filadélfia, datada do dia 13 de dezembro de 1779, Hipólito se refere a uma “Memória” que teria remetido sobre o “*acer sacharium*, que compreende a descrição, úteis [sic], cultura, rendimentos e despe-

sas, modo de manufaturar o açúcar que ela dá”.²⁷ A recorrência a esse tema em seu *Diário da minha viagem para Filadélfia* atesta o seu empenho em pesquisar tudo que estivesse relacionado às diversas espécies dessa importante cultura e seus modos de produção. No dia 25 de maio de 1799 descreve minuciosamente todas as etapas envolvidas no processo de “manufaturar a seiva da árvore açucareira”.²⁸ método retirado muito provavelmente da revista científica *Medical Repository*, já que dias antes ele se refere a um outro artigo lido sobre esse assunto no mesmo periódico.²⁹ Ainda em carta de 24 de março do mesmo ano, dá conta da existência de uma “nova espécie de cana-de-açúcar que foi trazida da ilha Otahito [...]. Esta cana, que observ[ou] na estufa de Mr. Hamilton, é tão vantajosa que rende o duplo da outra [...] e [...] o açúcar [é] de melhor qualidade, tendo, além disto a vantagem de *que o bagaço depois de seco abunda [sic] para o fogo, necessário na depuração de toda a calda, que a mesma cana tem produzido*”.³⁰

Data também do fim do século XVIII o empenho da Coroa portuguesa em aclimatar no Brasil novas variedades de algodão; interesse despertado certamente pelo aumento da procura desse produto nos mercados europeus. Até então, o algodão nativo, já cultivado pelos índios e usado pela população na confecção de roupas mais rústicas, era a única espécie conhecida no Brasil. A experiência feita em algumas comarcas da Bahia com as sementes do algodão da Pérsia vindas de Portugal no ano de 1794 não teve continuidade: houve resistência dos lavradores que não conseguiam entender as suas particularidades.³¹ A lavoura algodoeira como um todo encontrou muitas dificuldades para se expandir no Brasil sobretudo porque o seu longo e penoso processo de cultivo exigia mais do que a disponibilidade de um grande contingente de mão-de-obra; segundo Sérgio Buarque de Holanda, ela, mais do que o açúcar ou qualquer outro produto agrícola tropical aqui cultivado, “dependia estreitamente da existência de maquinismos adequados e de métodos de elaboração mais aperfeiçoados”.³²

²⁷ COSTA, Hipólito da. Copiador e registro das cartas de ofício. In: _____. *Diário da minha viagem para Filadélfia (1798-1799)*, p. 262-263.

²⁸ COSTA, Hipólito da. *Diário da minha viagem para Filadélfia*, p. 141.

²⁹ *Ibid.*, cf. dia 13 de maio de 1799, p. 134.

³⁰ COSTA, Hipólito da. Copiador e registro das cartas de ofício, p. 234-235. Trata-se, aí, de William Hamilton, a quem Hipólito da Costa se refere diversas vezes em seu diário. Cf. p. 37 em diante.

³¹ Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Técnicas adventícias*. In: _____. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 211-232.

³² *Ibid.*, p. 215.

³³ *Ibid.*, p. 235.

³⁴ COSTA, Hipólito da. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos em 1789 por Hipólito da Costa, p. 237; COSTA, Hipólito da. *Diário da minha viagem para Filadélfia (1798-1799)*, p. 196.

³⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Técnicas adventícias*, p. 238.

³⁶ Sobre esses relatórios, cf. NOVAIS, *Portugal e a crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*, p. 260.

³⁷ COUTINHO, Rodrigo de Souza. Para Hipólito José da Costa, p. 238.

Mas o autor lembra ainda que o “escaroçador de serra”, inventado pelo americano Eli Whitney, responsável pelo progresso técnico e o conseqüente aumento da produção, só causou impacto fora dos Estados Unidos “nos quatro últimos anos do século XVIII, quando as exportações norte-americanas de algodão subiram de 275 fardos em 1797 para 36 mil em 1800”.³³ Não deixa de ser significativo, entretanto, que seja exatamente o espantoso crescimento dessa cultura, que “data de uma época muito recente nos Estados Unidos”, o que mais chama atenção de Hipólito da Costa, a ponto de ele citar o testemunho de um tal coronel Wade Hampton, da Carolina do Sul, para registrar em seu *Diário* e em sua “Memória” que no ano de 1798 esse indivíduo chegara a fazer 18 mil libras esterlinas de lucro com o algodão de suas plantações.³⁴ A tentativa de aclimação de novas espécies de algodão no Brasil mostra, segundo Sérgio Buarque de Holanda, o esforço da Coroa portuguesa para “desenvolv[er] [...] uma fonte de riqueza capaz de tomar, talvez, na economia brasileira, o lugar outrora ocupado pelo açúcar e pelas minas de metal e pedras preciosas”.³⁵

Todas essas informações me levam mesmo a acreditar que a viagem de Hipólito da Costa foi planejada no momento em que d. Rodrigo de Sousa Coutinho toma conhecimento, por meio de leituras de relatórios solicitados às mesas de inspeção,³⁶ da precariedade das técnicas agrícolas praticadas na colônia e da necessidade de modernizá-las. Afinal que outra razão motivaria o ministro a pedir, por exemplo, nas instruções, que “todas as notícias teóricas e praticas que [Hipólito da Costa] [...] pude[sse] haver e escrever sobre esta importante cultura e preparação da planta de tabaco [fossem] reuni[das] sob a fôrma de Memória, e [...] juntamente com a boaumente [...] remet[idas] logo”, antes mesmo de sua volta à Lisboa.³⁷

Sob esse aspecto, a viagem de Hipólito da Costa se diferencia daquela realizada por Manoel Ferreira da Câmara, José Bonifácio de Andrada e Silva e Joaquim Pedro Fragoso dos Santos, outros jovens cientistas luso-brasileiros que foram enviados, também em expedição oficial, na década de 1790, aos centros mais avançados da

Europa para estudar as novas teorias e práticas aplicadas à “economia mineral”.³⁸ Se a viagem de Hipólito da Costa é uma decorrência das conclusões a que chegou d. Rodrigo de Sousa Coutinho em suas análises sobre as condições de produção na colônia, apresentadas no grande plano de reforma em 1798, os estudos dos outros cientistas, realizados uma década antes, servem-lhe de base para elaborar alguns pontos de seu “Discurso”, especialmente aqueles que incidiam sobre as mudanças no corpo de leis reguladoras da extração das minas. Manoel Ferreira da Câmara, por exemplo, se torna, segundo Marcos Mendonça Carneiro, desde o seu retorno em 1798, “o verdadeiro conselheiro ou consultor [...] do governo português quando este desejava tomar qualquer iniciativa de caráter técnico, econômico, ou legislativo em relação às minas” do Brasil; em Portugal, era, era José Bonifácio quem desempenhava essa função.³⁹

E de fato a leitura de documento datado de “Lisboa, aos 13 de agosto de 1798”, confirma que d. Rodrigo Coutinho havia lhe enviado “as suas grandes, novas e liberais idéias sobre a futura administração política dos estados ultramarinos, e particularmente do Brasil”.⁴⁰ Manoel Ferreira da Câmara ajunta-lhes outras “idéias [...] muitas das quais ti[nham] [se] provado bem nos países que visit[ou] e estud[ou] e que pens[ava] [...] conviria muito e muito adotá-las” desde que adaptadas às condições locais, como fez ao elaborar “um sistema geral de economia mineral [...] que ele próprio havia concebido”.⁴¹ Em análise comparativa dos dois documentos, Marcos Carneiro Mendonça afirma que “as idéias de Câmara Bithencourt” estão expostas no “Discurso” de d. Rodrigo Coutinho, “tal a identidade de conceitos e de expressão que lhes sugerem esses assuntos de tão alta relevância para o Estado”.⁴²

3. VIAGEM DE INSTRUÇÃO

A leitura do plano de reforma apresentado por d. Rodrigo Coutinho à junta de ministros de Portugal esclarece por que Hipólito da Costa se preocupou em ler, observar e expor com clareza assuntos de natureza técnico-científica relativos à economia agrária, inventos

³⁸ “Memória”, escrita por Manuel Ferreira da Câmara em “Lisboa, aos 13 de agosto de 1789”, publicada por Marcos Carneiro de Mendonça em *O intendente Câmara*, p. 54-65.

³⁹ MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *O intendente Câmara*, p. 53.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 54.

⁴¹ *Ibid.*, p. 55.

⁴² *Ibid.*, p. 45.

⁴³ ALMEIDA, Paulo Roberto de. O nascimento do pensamento econômico brasileiro, p. 323.

⁴⁴ COUTINHO, Rodrigo de Souza. Para Hipólito José da Costa, p. 254.

científicos e práticas tecnológicas que pudessem contribuir para o progresso da economia nos domínios da coroa portuguesa. Paulo Roberto de Almeida corrobora a minha observação ao dizer que “foi provavelmente [...] [d. Rodrigo] quem inculcou em Hipólito o gosto pelas questões econômicas”, uma vez que “ostentava uma concepção essencialmente econômica da administração pública, preocupando-se com a agricultura, o comércio, a gestão financeira e as novas práticas industriais”.⁴³

Nas suas instruções, d. Rodrigo de Sousa Coutinho define precisamente os objetos de investigação de Hipólito da Costa em sua viagem. Nos Estados Unidos, enfatiza a necessidade de ele adquirir conhecimentos sobre a preparação de diversas culturas e espécies não-cultivadas. Como método de trabalho sugere que deve “procurar em primeiro lugar instruir-se com toda exatidão nas culturas e [suas] preparações [...] e depois de tomar todos os conhecimentos que se houverem publicado nesta[s] materia[s], [estudadas], deve [...] praticamente vêr tudo, examinando também com a maior individuação [cada] planta e [...] [verificar] se hé a mesma ou outra especie diferente da que se cultiva no Brazil”.

Deve ainda, prossegue o ministro, “examinar com maior individuação, e exatidão, assim como a qualidade do terreno em que [...] produz melhor, e tudo isso deve [...] recolher noticias theoricas e praticas remettendo-as [para Portugal] e que sejam taes que nada deixem a desejar nesta materia”.⁴⁴

Realizada a missão nos Estados Unidos, Hipólito da Costa deveria passar ao México para “instruir-se e trazer as melhores Memorias sobre [...] a qualidade de Insecto, cujo germe forma a Cochonilha, e verificar se hé o mesmo que nós já temos no Rio de Janeiro e em Santa Catarina; [...] reconhecer e firmar-se bem no modo porque preparam as diversas especies de cochonilha [...] informa[ndo-se] exactamente do que ha nesta matéria [...] [para] executar depois todas as preparações; [...] examinar bem o Cactus Cochelinifer, em que se cria o insecto”.

Enfim, para completar sua tarefa, Hipólito da Costa deveria obter “alguma porção considerável da Semente do mesmo Insecto que possa logo remeter-se com a Instrução [...] para o Rio de Janeiro e de que se possa immediatamente tirar-se partido”.⁴⁵

Caber-lhe-ia também examinar atentamente o “estado das culturas” nos domínios espanhóis e determina ainda o ministro que se puder, na viagem pelos Estados Unidos e domínios espanhóis, Hipólito da Costa observe os trabalhos com minerais e “fa[ça] alguma descrição dos methodos por que as Minas são trabalhadas, e dos principios de economia tanto publica como particular, com que são regidas”.⁴⁶

O teor das “Instruções” de d. Rodrigo de Sousa Coutinho não deixa margem de dúvida quanto ao caráter da missão recebida por Hipólito da Costa. *Trata-se de uma viagem oficial de cunho explicitamente técnico e com vistas a uma aplicação imediata*. E se alguma hesitação persistir sobre esse aspecto da viagem, basta ler o conjunto de documentos – “Copiador e registro das cartas de ofício” e “Memória” – em que se encontram registradas todas as obrigações cumpridas ao longo de sua estada nos Estados Unidos, para perceber que Hipólito da Costa executou rigorosamente as determinações prescritas nas “Instruções”. É importante notar que o deslocamento de Hipólito da Costa por diferentes regiões americanas é previamente demarcado de acordo com o que busca observar, embora muito das informações sobre alguns dos “principais objetos de [sua] missão” tenham sido adquiridas por meio de leituras ou conversas com agricultores, professores ou “curiosos de botânica” com quem manteve contato durante o período em que esteve nas cidades visitadas.⁴⁷

A visita à Virgínia e a Maryland, por um lado, e aos estados setentrionais e à Pensilvânia, por outro, se deve respectivamente ao exame das culturas do tabaco e do linho-cânhamo, por exemplo, dois daqueles *objetos* que deveriam merecer as suas observações. Executada a diligência, Hipólito redige o referido documento intitulado “Memória”, dando conta de todos os objetos de sua ocupação durante a estada na América do Norte. Para cada tema observado,

⁴⁵ *Ibid.*, p. 255-256.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 256.

⁴⁷ COSTA, Hipólito da. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos em 1789 por Hipólito da Costa, p. 252-253.

⁴⁸ COUTINHO, Rodrigo de Souza. Para Hipólito José da Costa, p. 254.

⁴⁹ COSTA, Hipólito da. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos em 1789 por Hipólito da Costa, p. 356.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 355.

ele especifica a região onde pode ser encontrado, a variedade das espécies de um mesmo gênero, o método de trabalho empregado pelos agricultores, a utilidade para fins industriais nos Estados Unidos e a possibilidade de exploração no Brasil e em Portugal. Registra, ainda, o valor de tais produtos nos mercados americano e internacional, bem como o papel do estado na administração comercial de tudo quanto foi examinado.

A preocupação em tornar a viagem de Hipólito rentável do ponto de vista de uma possível aplicação imediata já está explícita nas instruções de d. Rodrigo de Sousa Coutinho, fato que comprova ainda a hipótese de que essa viagem aos Estados Unidos e México tinha a finalidade precisa de reunir dados que pudessem ajudar o ministro no processo de reformulação administrativa do reino português, e conseqüente progresso do império. O documento determina que Hipólito da Costa reúna tudo quanto puder sobre os objetos de sua investigação e “remet[a] logo, para que Sua Majestade possa principiar a tirar partido de sua Viagem, ainda antes que chegue [...] [a Lisboa] de volta”.⁴⁸

Sobre os prados artificiais, por exemplo, ele assegura que “conhec[e] por observação própria, que ha muitos terrenos em Portugal absolutamente incultos, onde se podião com pouco custo plantar grandes prados, que sustentarião numerosos rebanhos e mandas”, reduzindo-se assim “a necessidade em que esta[vam] [...] de importar carnes de paizes estrangeiros”.⁴⁹ E das árvores cultivadas pelos americanos, ressalta que a província do Algarves é “propriíssima para as culturas [do Rhux ou Sumagre]”, espécies de grande utilidade, pois “é bem sabido o grande uso que [...] tem nas tinturarias e cortumes”.⁵⁰

Certo de que a exposição de princípios econômicos “ser[ia] agradável e interessante aos agricultores do Brasil”, Hipólito da Costa “procur[a] obter as noções que podem conduzir ao cálculo provável do rendimento e despesas” do algodão e do índigo, por exemplo. Em suma, “em cada um dos estados”, Hipólito trata de “[se] aplic[ar] a observar mais particularmente o genero de cultura, e os

artigos principais que formão a base do produto do paiz”. Também não descuidou de “entr[ar] [em] tudo quanto p[o]de nos principios de economia tanto publica como particular de cada um dos ramos; procur[ou] saber os motivos e fins do governo em todas as operações mercantis, no que ach[ou] bastante que aprender principalmente na administração das Alfandegas, direitos de importação e tonellada, e outros regulamentos da marinha mercantil, e rendas publicas; compil[ou] para isso todos os documento authenticos que [foi] possível obter”.⁵¹

O documento intitulado “Copiador e registro das cartas de officio” ratifica o caráter utilitário dessa viagem, já comprovado nas “Instruções” e na “Memória”. Esse conjunto de cartas enviadas dos Estados Unidos a d. Rodrigo de Sousa Coutinho mostra também que Hipólito jamais perde de vista essa dimensão de sua viagem, adquirindo conhecimento e enviando memórias até mesmo sobre assuntos não especificados nas instruções. É o caso, por exemplo, dos búfalos, cuja utilidade, resultante da “combinação deste animal com vacas de Portugal”, estaria na “produ[ç]ão de uma raça fortíssima e sumamente adaptada para os trabalhos da agricultura”.⁵²

A ênfase sobre a natureza pragmática não é uma exclusividade da pesquisa de Hipólito da Costa. Outras atividades científicas, realizadas por luso-brasileiros, em território nacional ou em terras estrangeiras, a mando da Coroa portuguesa, também apresentavam esse mesmo caráter; traço já percebido e apontado por Sérgio Buarque de Holanda. Em sua “Apresentação” ao conjunto das “obras econômicas” do bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, assinala que elas se mostram “alheias freqüentemente à especulação desinteressada e raramente avessas a preocupações utilitaristas”. Sobre essa inclinação, prossegue o historiador, a obra do bispo seria exemplar e representativa da devoção dos portugueses aos estudos sobre as “realidades práticas” e “às próprias ciências aplicadas”.⁵³ O rápido comentário sobre essa “peculiaridade cultural” do luso-português, observado por Sérgio Buarque de Holanda,

⁵¹ *Ibid.*, p. 352.

⁵² COSTA, Hipólito da. Copiador e registro das cartas de officio, p. 252.

⁵³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Apresentação. In: COUTINHO, José Joaquim da Cunha Azeredo. *Obras econômicas (1794-1804)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

⁵⁴ DIAS, Maria Odila L. da Silva. Aspectos da ilustração no Brasil

⁵⁵ *Ibid.*, p. 41.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 48.

⁵⁷ KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informação (1780-1810). *História, Ciência, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, v. 11, p. 109-129, 2004. Suplemento 1.

⁵⁸ KURY, Lorelai. Les instructions de voyage: orienter le regard, former les gestes. In: ———. *Histoire naturelle et voyage scientifique (1780-1830)*. Paris: L'Harmattan, 2001. p. 97-98.

é retomado e ampliado por Maria Odila da Silva Dias em “Aspectos da ilustração no Brasil”.⁵⁴

O exame minucioso da totalidade das atividades científicas dos “brasileiros” formados em universidades européias, desde 1772, a faz constatar que esses estudos privilegiam o pensamento europeu de orientação utilitarista, ligado diretamente a Voltaire e aos enciclopedistas franceses.⁵⁵ “Uma inclinação geral própria do tempo, uma política de Estado bem determinada e a identificação desses estudiosos brasileiros com os interesses materiais da elite rural brasileira” explicariam, a seu ver, a preferência dos “brasileiros” pelas abordagens pragmáticas das ciências e da filosofia, em detrimento de pesquisas nas “ciências puras ou exatas”.⁵⁶

Uma vertente da historiografia brasileira mais recente começa, porém, a fazer uma revisão dessa via interpretativa. A pesquisa de Lorelai Kury, por exemplo, demonstra, em dois trabalhos distintos, que o pragmatismo não é uma característica particular do iluminismo português; o utilitarismo, isto é, os estudos com vistas a uma aplicação imediata foi, segundo ela, bastante defendido durante o alto iluminismo europeu.⁵⁷ O exame das “instruções” de variados tipos de viagem, promovidas por instituições públicas, privadas ou até mesmo por “amantes das ciências”, na França entre os anos de 1780 e 1830, indica que todas elas também mostravam-se preocupadas com uma utilidade pública e social de aplicação imediata. Nesses textos, as orientações aos viajantes eram feitas considerando-se esse mesmo fim utilitário. O que impressiona Lorelai Kury ao analisar as “Instruções do museu”, por exemplo, “é o fato de a maior parte dos argumentos propostos ser estranha às preocupações que se poderiam denominar da ‘ordem do puramente científico’”.⁵⁸ O estudo das instruções francesas aponta, portanto, uma estreita vinculação entre as viagens, as ciências naturais e a administração do Estado francês. O que leva a autora a chamar a atenção, em artigo mais recente, para uma revisão do próprio conceito de Iluminismo, que, de acordo com seu ponto de vista, não pode ser entendido “apenas como um movimento no campo das idéias e da filosofia, mas [tam-

bém] [...] como uma reunião de práticas administrativas, executadas, em geral, pelo Estado e visando racionalizar o funcionamento da sociedade, conhecer e controlar as populações, a produção, os fluxos e os usos das mercadorias”.⁵⁹

Considerando-se o seu estudo sobre as “Instruções”, a vinculação das viagens com as ciências naturais e o funcionamento da política administrativa do Estado francês em relação às suas colônias fica bastante clara. O trabalho de elaboração e divulgação desses documentos era muitas vezes feito pelo governo e se dirigia a especialistas, mas também a não-iniciados em história natural. Encontram-se, entre as “Instruções” estudadas, algumas que possuem um teor didático explícito: o seu objetivo primeiro era, sem dúvida nenhuma, ajudar a instruir funcionários ou mesmo governadores nas ciências práticas.⁶⁰ O domínio desses procedimentos científicos era de bastante utilidade para o Estado, na medida em que chegava a receber desses funcionários vasto e rico material que poderia ser estudado por especialistas e usado posteriormente com uma das possíveis estratégias de controle da produção e da população.⁶¹

A leitura das instruções de viagem para Hipólito da Costa (1798), Manoel Ferreira Câmara, José Bonifácio de Andrada e Silva e Joaquim Pedro Fragoso dos Santos (1790), por exemplo, demonstra idêntica preocupação com o caráter utilitário das atividades científicas, comprovando, assim, que Portugal, a partir desse período, passava a seguir o mesmo tipo de prática administrativa implantada pela França em suas colônias. E, para minha pesquisa, não importa que a relação das práticas científicas, iniciadas muito timidamente no fim do século XVIII pela administração do Império português, não tenha se estabelecido de forma plena, como propõe ainda Lorelai Kury. Segundo essa autora, a utilização do conhecimento científico pelo Estado ocorreu aí de modo instável e descontínuo, pois a política de incentivo ao desenvolvimento científico não conseguiu criar as instituições necessárias que pudessem promover mudanças significativas nos campos da “administração, das sociabilidades, das instituições, da economia e da cultura”.⁶² O que conta

⁵⁹ Cf. KURY, Lorelai. *Homens de ciência no Brasil*, p. 110.

⁶⁰ KURY, Lorelai. *Les instructions de voyage*.

⁶¹ Cf. KURY, Lorelai. *Homens de ciência no Brasil*.

⁶² *Ibid.*, p. 125.

⁶³ COSTA, Hipólito da. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos em 1789 por Hipólito da Costa, p. 350.

⁶⁴ BRAGA, Teófilo. *História da Universidade de Coimbra*. Lisboa: Tip. da Academia Real de Ciência, 1898. Cf. também CARVALHO, Laerte Ramos de. *As reformas pombalinas da instrução pública*. São Paulo: Edusp: Saraiva, 1978.

⁶⁵ CAPÍTULO 2. Das disciplinas filosóficas; e da atenção que se ha de haver na escolha dos authores, pelos quaes se devem ensinar. In: ESTATUTOS da Universidade de Coimbra (1772). Coimbra: Por Ordem da Universidade de Coimbra, 1972. p. 229.

efetivamente para minha visada é considerar que esse pragmatismo constituía um universo mais amplo que informou os projetos de reforma da Coroa portuguesa e, conseqüentemente, as instruções a serem seguidas por aqueles encarregados de realizar essas viagens científicas; mas, principalmente, o fato de essa perspectiva pragmática ter tido um peso enorme na formação intelectual de Hipólito da Costa e, portanto, na sua concepção do que viria a ser reunir, produzir e transmitir conhecimento.

4. FORMAÇÃO INTELECTUAL

Nas “cartas de ofício”, Hipólito da Costa deixa claro que, de cada um dos objetos de sua missão, foram enviados separadamente memórias ou “tratados”, como ele mesmo denomina tais documentos. O que de certa forma explica o fato de a única “Memória” a que tive acesso até agora ser tão resumida a ponto de nada registrar, por exemplo, a respeito do “modo de preparar e adubar as terras, escolher as sementes, tratar as plantas e moléstias a que são sujeitas, com curativos que lhe são descobertos”.⁶³ Nos dois tipos de documentos – cartas de ofício e memória-resumo –, exhibe bem pouco os seus conhecimentos científicos, ao passo que se sabe que ele já os tinha inicialmente adquirido na Faculdade de Filosofia, em cujo curso se diplomou juntamente com o de Direito e o de Matemática na Universidade de Coimbra.

Na verdade, quando Hipólito da Costa inicia a sua formação acadêmica, o estudo das ciências tinha sido incluído no currículo dessa instituição havia bem pouco tempo. Embora Teófilo Braga acredite que os contornos de uma Faculdade de Filosofia começam a ser delineados com a introdução dos estudos filosóficos no Colégio Real dos Nobres, criado no ano de 1761,⁶⁴ foi somente com a reforma pombalina de 1772 que se criou uma Faculdade, a de Filosofia, com o propósito exclusivo de lecionar a filosofia natural, cujo ensino abrangia “todos os Ramos das Sciencias que ti[nham] por objecto a contemplação da Natureza” em seus em seus múltiplos aspectos.⁶⁵ O recém-inaugurado curso, com duração de quatro anos, inicia suas

atividades acadêmicas no ano seguinte à reforma, e, para as lições das seis disciplinas que faziam parte do seu currículo, foram criadas as cadeiras de filosofia racional e moral, história natural, física experimental, e química teórica e prática.⁶⁶ A história natural, ouvida no segundo ano, juntamente com a geometria, dividia “as suas Lições em três Partes, segundo a divisão dos três Reinos da Natureza, que são o Animal, o Vegetal, e o Mineral”. O seu método de ensino compreendia, em primeiro lugar, fazer “uma Descrição exacta de cada hum dos productos da Natureza” e, em segundo, “recolher a substância de todas as observações, que sobre eles se tem feito”.⁶⁷

A introdução das novas ciências da natureza nos currículos de alguns dos mais significativos cursos da universidade (filosofia, teologia, medicina e matemática) foi de fundamental importância no papel desempenhado pela administração portuguesa no que diz respeito à orientação das comissões de cunho científico voltadas para os fins utilitários de aplicação imediata que realizaram Hipólito da Costa e aquele grupo de “brasileiros” formados em Coimbra nas três últimas décadas do século XVIII. O *Estatuto da Universidade de Coimbra (1772)* não deixa dúvida quanto ao aspecto utilitarista que se espera do aprendizado das ciências naturais: do estudo da zoologia, determina que sejam observados e descritos “os serviços que podem fazer [os animais] ao Homem, com todas as suas utilidades, e commodidades, que delles podem reputar: demorando-se com mais particular indagação sobre os Animaes, que pertencem ao Commercio, à Agricultura e outros usos mais sensíveis, e importantes da vida humana”. E quanto à botânica, pede-se que se ensine “o uso, que nellas se tem descoberto, relativamente às artes, em que interessa à Sociedade: demonstrando-se sempre no útil: e passando em breve resumo o curioso”.⁶⁸

Os benefícios materiais das ciências naturais são também enfatizados por d. Francisco de Lemos, reitor de Coimbra desde a reforma pombalina, ao explicitar que o seu ensino “serv[e] [para] promover a industria dos Homens, introduzir, adiantar e aperfeiçoar muitas Artes, muito necessarias, e importantes para o bem commum dos

⁶⁶ *Ibid.*, p. 230.

⁶⁷ CAPÍTULO 3. Das cadeiras da Faculdade, e hora das lições. In: ESTATUTOS da Universidade de Coimbra (1772). p. 240.

⁶⁸ CAPÍTULO 3. Das lições do segundo ano. In: ESTATUTOS da Universidade de Coimbra (1772). p. 242.

⁶⁹ FACULDADE de Filosofia. In: *RELAÇÃO* geral do estado da Universidade de Coimbra (1777). Coimbra: Por Ordem da Universidade de Coimbra, 1980. p. 99.

⁷⁰ FACULDADE de Teologia. In: *RELAÇÃO* geral do estado da Universidade de Coimbra (1777). Coimbra: Por Ordem da Universidade de Coimbra, 1980. p. 99.

⁷¹ CARTA Régia de 24 de janeiro de 1771 apud BRAGA, Teófilo. *História da Universidade de Coimbra*, p. 719.

Estados”.⁶⁹ Acrescenta, porém, o reitor que os fins reais e de grande utilidade para o Estado só seriam alcançados se fossem empregados “em todos os Ramos da Administração Publica os que tivessem aprendido na Universidade [...] os Princípios e Regras” das referidas ciências.⁷⁰ É, portanto, com a reforma pombalina do ensino superior que se começa a perceber mais claramente a função adquirida pelas ciências na elaboração de novas estratégias administrativas portuguesas em relação à exploração econômica da natureza. Fato que se concretiza por meio da organização e da execução de expedições oficiais às colônias ou ao estrangeiro, com o objetivo de trazer o máximo de informações coletadas sobre os elementos da natureza dos lugares visitados que pudessem ser úteis ao desenvolvimento econômico do império.

Mas o currículo da Faculdade de Filosofia sofreria mais uma modificação em 1791, um ano antes do ingresso de Hipólito da Costa nesse curso. Os traços humanísticos que ali se mantinham com o ensino da filosofia racional foram definitivamente apagados com a retirada da lógica de seu currículo, e em seu lugar inseridas, para “os que freqüentam aproveitar-se com maior facilidade [...], as cadeiras seguintes: uma de botânica e agricultura; outra de zoologia e mineralogia; outra de física; e outra de química e metalurgia”.⁷¹ A entrada das ciências práticas ou das “artes”, como as definia o século XVIII, no currículo da Faculdade de Filosofia complementaria a formação acadêmica de Hipólito da Costa e o capacitaria, ainda mais, para o cumprimento de uma missão oficial cujo caráter científico atendia aos interesses políticos e econômicos da nova orientação administrativa colonial da Coroa portuguesa, como bem comprova a análise que faço de alguns dos documentos deixados por ele de sua viagem aos Estados Unidos.

Para uma reconstituição de sua formação intelectual, procurarei identificar os interlocutores implícitos e explícitos que o acompanham durante todo o percurso da viagem. A leitura do *Diário* dá algumas indicações que precisam ainda ser mais aprofundadas. Antes de começar a ler, observar e recolher material sobre os objetos de

sua missão, Hipólito da Costa já detém um sólido conhecimento teórico, instrumental que orientará previamente o seu modo de olhar e descrever os fatos que constituem o seu quadro de preocupações e interesses. O seu ponto de vista sobre o que despertará seu interesse na viagem é informado por uma dupla orientação: as “Instruções” e o seu conhecimento da história natural.

Além de estudar as disciplinas que compõem as chamadas ciências naturais na Faculdade de Filosofia, ele dá algumas evidências no *Diário* de que acompanha a literatura especializada publicada nessa área. É o caso, por exemplo, do naturalista francês, Georges Buffon,⁷² a cuja obra recorre, por exemplo, para justificar a sua incerteza quanto à constituição geológica de umas “carreiras de montanhas” de certa região americana. E mais especificamente do botânico e viajante sueco Thunberg – e, em menor escala, de seu mestre Lineu – que parece ter efetivamente desempenhado a função de interlocutor e ter lhe fornecido um modelo de narrativa, pelo menos no que diz respeito ao modo de ver a organização administrativa, social e institucional dos lugares visitados, na medida em que o viajante sueco já sabe previamente o que *reconhecer* diante do *desconhecido*, como se pode depreender da referência que faz Hipólito de seus escritos que surgem, então, como espécie de modelo a ser seguido:

Thunberg [sic] nas suas viagens para descrever o Japão, traz: 1º, natureza do clima, para o que lhes ajunta as observações termométricas; 2º, descrição das figuras das pessoas; 3º, gênio, caráter e disposição da Nação; 4º, linguagem e homens; 5º, vestidos; 6º, arquitetura.⁷³

Esse quadro de questões teóricas mais amplo, de que já dispunha Hipólito da Costa, é ampliado quando, nos Estados Unidos, ele desenvolve seus conhecimentos sobre as ciências naturais, relacionados especificamente à flora e à fauna norte-americanas, entrando em contato direto com indivíduos que, de uma forma ou de outra, desempenhavam função semelhante à que lhe tinha sido atribuí-

⁷² COSTA, Hipólito José da. *Diário da minha viagem para Filadélfia*, p. 208.

⁷³ *Ibid.*, p. 48.

da pela Coroa portuguesa. Em seu *Diário* sugere conhecer a obra de Willian Bartram, autor que, segundo suas palavras, “compôs as viagens”, referindo-se certamente a *Travels*, narrativa das viagens de Bartram pelo sudeste dos Estados Unidos entre os anos 1773-1777; relato que contém não apenas o registro de novas espécies de plantas, mas também as primeiras descrições das culturas dos índios Cherokee e Creek. A expedição a essas regiões selvagens e remotas foi incentivada e financiada por John Fothergill, um cirurgião inglês cuja maior contribuição científica se deu justamente no campo da botânica; em troca, William Bartram deveria coletar sementes e espécies da flora das regiões visitadas e enviá-las para Fothergill, na Inglaterra. É bom lembrar que William Bartram está dando continuidade a uma tradição de trabalho iniciada por seu famoso pai, John Bartram, conhecido por ter sido designado como “botânico real” pelo rei George III, da Inglaterra. Bartram, pai, também recebia incentivos financeiros, conselhos e suprimentos de livros sobre assuntos ligados à história natural em troca de sementes, brotos e mudas de plantas norte-americanas em troca do material que recolhia e remetia a especialistas de renome, dentre os quais destacam-se Peter Collinson, Philip Miller e Carl Lineu.

O processo de aprendizagem de Hipólito inclui também longas conversas com pessoas como o botânico amador John Bartram, também filho de John Bartram, que herda de seu pai o jardim botânico que este havia fundado justamente para preservar as espécies desconhecidas que colheram em suas muitas expedições a várias regiões do país; em seguida à morte de seu pai, torna o irmão mais famoso, Willian Bartram, seu sócio, e, juntos, constroem a primeira estufa dos Estados Unidos. Ainda em parceria, publicam o primeiro catálogo de plantas norte-americanas. Em suas visitas à casa de Bartram, filho, onde estivera primeiro para comprar sementes e depois para dar prosseguimento a longas conversas sobre plantas com o botânico e seus filhos, Hipólito tem a oportunidade de ver, ainda inédito, o referido catálogo que viria a ser publicado apenas em 1807, com o nome de *Catalogue of trees, shrubs and herbaceous plants, indigenous*

*to the United State of America, cultivated and disposed of by John Bartram and son at their Botanical Garden.*⁷⁴

Teve também a oportunidade de conhecer Humphry Marshall, que, como seu primo John Bartram, também adquire autodidaticamente seus conhecimentos sobre botânica; e, ainda à semelhança daquele, começa a trocar espécies da flora local com estudiosos de história natural de outras partes do país e da Inglaterra, recebendo em recompensa equipamento científico, livros, espécies de plantas exóticas, ajuda financeira ou mercadoria comercializável – como linho. Marshall funda em 1772 um jardim botânico que logo se tornaria depositário de árvores e arbustos e de muitas plantas exóticas que havia adquirido de outras regiões americanas e da Europa. Em outubro de 1799, quando Hipólito visita Marshall, já encontra “o seu jardim [...] muito mal tratado, cheio de ervas”, processo iniciado quando a sua visão começou a ficar prejudicada pela catarata. A contribuição de Marshall no campo das ciências naturais inclui estudos sobre tartarugas e agricultura, mas o seu trabalho de maior destaque é *Arbustrum Americanum: the American Grove, an Alphabetical Catalogue of Forest Trees and Shrubs, Natives of the American United States* – um catálogo que, embora seja expresso em termos da utilidade das plantas para medicina, agricultura, e disposto em ordem alfabética visando a tal fim, é uma obra científica para especialistas, que utiliza a mais recente nomenclatura taxonômica, de Lineu. O contato inicial entre Hipólito e Marshall se dera por carta, quando o brasileiro lhe escreveu solicitando sementes de plantas americanas que pudessem ser cultivadas em Portugal e, ao que indica, a pesquisa de Robert C. Smith, a conversa por meio de correspondência entre ambos se prolongaria ainda por algum tempo.⁷⁵

É também o interesse pela botânica que leva Hipólito da Costa a entrar em contato com William Hamilton, “um sábio apaixonado de botânica”,⁷⁶ proprietário de um extenso jardim botânico descrito por Thomas Jefferson como o único rival americano à altura do que poderia ser visto na Europa, tamanha a diversidade de plantas ali cultivadas vindas de toda parte do mundo, inclusive das Índias

⁷⁴ Devo essa informação a SMITH, Robert C. A Portuguese naturalist in Philadelphia, 1799.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 73.

⁷⁶ COSTA, Hipólito José da. *Diário da minha viagem para Filadélfia*, p. 86.

⁷⁷ Ibid., p. 100.

⁷⁸ Ibid., p. 135, 145.

⁷⁹ Ibid., p. 136.

⁸⁰ Mais uma vez me benefício de informações dadas por Robert C. Smith em *A Portuguese naturalist in Philadelphia, 1799*.

⁸¹ COSTA, Hipólito da. Copiador e registro das cartas de ofício, p. 270.

Ocidentais, Japão, Botany Bay e Cabo da Boa Esperança. É precisamente numa passagem do *Diário* relativa a Hamilton que Hipólito, graças a uma breve observação, deixa bem claro que esses encontros na Filadélfia não são absolutamente aleatórios. Segundo relata, teria surpreendido seu anfitrião por saber “ao certo quantas espécies de Painço” ele cultivava, e retrucara afirmando que essa era uma informação que “trazia escrit[a] de Lisboa” e que, acrescento eu, muito provavelmente, não era a única.⁷⁷

Além dos interlocutores acima citados, vários outros elementos também contribuíram muito para o aprendizado de Hipólito da Costa tais como: o contato com agricultores; com professores das Universidades de Columbia e da Pensilvânia; a leitura de textos científicos de periódicos como *Medical Repository*⁷⁸ e publicações da *American Philosophical Society*,⁷⁹ de obras sobre os Estados Unidos como *News Travels in the United States*, de Jan Pierre Brissot De Warville, e *Moreau de St. Méry’s American Journey*, de Médéric-Louis-Elie de Moreau de St. Méry,⁸⁰ e dos diários de notícias *Gazette of the United States*, “que se diz um papel do governo”, e *Aurora*, “que é o mais bem conduzido papel do partido de oposição”,⁸¹ do qual foi assinante. As conversas com homens de ciências, as respostas de alguns agricultores a uma série de questões por ele formuladas por escrito, as leituras de publicações que fez no país e as suas próprias observações formam a base de seu método de trabalho, mas também vão permitir a Hipólito adquirir conhecimento.

5. UM DESLOCAMENTO CRÍTICO

Por um lado, as referências aos inúmeros interlocutores que Hipólito da Costa priorizou durante sua permanência nos Estados Unidos reforçam ainda mais o caráter nada aleatório de sua viagem, pois a Filadélfia representava naquele momento um centro intelectual em desenvolvimento, especialmente no campo das ciências naturais. Por outro lado, tal observação me permite ainda propor que essa viagem teria lhe servido como um segundo “curso universitário”, dado que reforçaria minha hipótese de que a viagem à Filadélfia e a escrita do *Diário* já con-

têm, em germe, o que será encontrado mais tarde no *Correio Braziliense*: uma percepção voltada para os fins utilitários e uma narrativa eminentemente pedagógica como desdobramento de seu próprio processo de aprendizado; de início, como estudante da Universidade de Coimbra e, numa segunda instância, como observador empírico durante o período em que esteve na América do Norte.

Se a missão oficial exigia de Hipólito da Costa um olhar técnico, a estada nos Estados Unidos também lhe deu a possibilidade de empreender, paralelamente ao cumprimento das tarefas que lhe foram atribuídas, uma verdadeira viagem de pesquisa que visava, é claro, a um “aprendizado”⁸² não relacionado necessariamente à sua missão oficial. Um aprendizado que se consolidava através da experiência, do contato direto com pessoas e objetos pesquisados, mas também “ouv[indo] [na Filadélfia] as lições públicas do Dr. Rush de medicina prática, [...] [freqüentando] aula de anatomia”, quando teve a oportunidade de ver “a demonstração do olho muito bem feita”,⁸³ assistindo em Cambridge a “uma lição” sobre “natural philosophy”,⁸⁴ lendo o periódico *Medical Repository*, de cuja publicação se tornara inclusive assinante e colaborador.

Hipólito da Costa faz de fato uma viagem de aprendizado: aprendizado que o habilitaria a desconfiar do que lhe é inicialmente dado, atitude que define e distingue por excelência um pesquisador de um simples técnico. Embora não tenha visto o tabaco da Virgínia, duvida, por exemplo, da descrição de sua folha feita por William Hamilton. De algumas questões feitas ao Dr. Mitchill, “professor de química [...] [no] Colégio Columbiano”, Hipólito recebe respostas que o satisfazem muito pouco.⁸⁵ Talvez não seja descabido propor que o aprendizado resultante do ato de pesquisar possa ter operado, no plano simbólico, a primeira ruptura no processo pedagógico a que estivera submetido desde que iniciara sua formação intelectual na Universidade de Coimbra, na medida em que deixa de apenas acumular informações e passa a se preocupar também com a produção de conhecimento.

“Viagem de aprendizado”, mas também de produção de conhecimento, processo que vai se desenvolvendo à medida que Hipólito vai

⁸² Estou me referindo ao conceito de “viagem de aprendizado”, usado por Flora Süssekind para definir o tipo de viagem feita pelos viajantes naturalistas no Brasil do século XIX, em *O Brasil não é longe daqui*, p. 104-150.

⁸³ COSTA, Hipólito José da. *Diário da minha viagem para Filadélfia*, p. 85.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 193.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 146.

⁸⁶ COSTA, Hipólito da. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos em 1789 por Hipólito da Costa, p. 356.

⁸⁷ Informações retiradas de DOURADO, Mecenaz. *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*, p. 79-81.

⁸⁸ COSTA, Hipólito da. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos em 1789 por Hipólito da Costa, p. 356.

revido e ampliando o seu foco de interesse. Ainda nos Estados Unidos, escreve uma “carta” para a *Medical Repository* – publicação dedicada a assuntos ligados às ciências naturais – que foi, segundo ele próprio, “louvada” pelo Dr. Mitchill. Mas é sobretudo na “Memória” que Hipólito manifesta a sua vontade de publicar os assuntos pesquisados e documentados, de modo a tornar o seu próprio aprendizado material de aquisição de conhecimento para outros, quando escreve que “os conhecimentos que adquir[iu] neste artigo [os prados artificiais], e as idéas que sobre isso ti[nha], formão o objecto de uma pequena memoria que far[á] publicar por meio da imprensa [...]”.⁸⁶

Não se tem conhecimento de que tenha chegado a publicar qualquer material sobre esse assunto; mas sabe-se que ainda nos Estados Unidos ele escreve e publica as obras *Descrição da árvore açucareira e Descrição de uma máquina para tocar bomba a bordo dos navios sem o trabalho dos homens*; e já em Portugal empreende as traduções do inglês de *Memória sobre a broncocele ou papo da América Setentrional*, de Benjamin Smith Barton, e *História breve e autêntica do Banco da Inglaterra*, de E. Fortune – ambas publicadas pela Tipografia Calcográfica do Arco do Cego.⁸⁷

No momento em que esclarece a d. Rodrigo de Sousa Coutinho que seria sumamente importante que “se imprim[isse] em folhetos breves, e adaptados à compreensão dos [...] agricultores [...] e se ditribu[ísse] pelas províncias” o material pesquisado⁸⁸, Hipólito da Costa está, na verdade, dando indicações de que o processo pedagógico iniciado em Coimbra começa a se complementar: o que fora aprendido e pesquisado se converte agora em verdadeiras “lições”, mediadas pela palavra impressa. É portanto pelo exercício da escrita do *Diário*, das cartas e das memórias, de manuais de conhecimentos úteis e de traduções que ele começa a desenvolver o processo pedagógico que será consolidado nas folhas do *Correio Braziliense*.

Antes, porém, de fundar o que é considerado sua obra maior, sua familiaridade com o processo de divulgação de material científico se intensificaria com o trabalho na Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego, que, sob a direção do frei Mariano da

Conceição Veloso, tornar-se-ia a responsável pela política editorial do Estado, publicando as informações acumuladas ao longo das últimas décadas do século XVIII, inventariadas por expedições científicas oficialmente encomendadas. Nesse ponto específico, a análise de Jussara Quadros sobre esse estabelecimento editorial é bastante esclarecedora quando assinala que o Estado, ao fundá-lo em 1799, atribuindo-lhe a função precisa de difundir os conhecimentos práticos, deixa de operar como “arquivo” e se transforma em “editor”. O que significaria uma mudança considerável em termos de seu papel institucional: o que antes era um estado-arquivo torna-se um estado-editor; estado-editor porque a ele compete, agora, a “conversão do saber naturalista na pedagogia dos conhecimentos úteis, convertendo os relatos descritivos de expedições e experimentos científicos nas orientações prescritivas dos manuais, os herbários botânicos em pranchas ilustrativas, reproduzindo os signos de uma riqueza manipulável” para retomar a formulação da autora.⁸⁹

No entanto, o trabalho realizado por Hipólito da Costa na Tipografia Arco do Cego – de início como autor e tradutor e, mais tarde, como um de seus diretores, quando o estabelecimento é incorporado pela Imprensa Régia em 1801, encerraria a sua participação na execução do programa político pensado por d. Rodrigo de Sousa Coutinho, cujo fim último era a racionalização do funcionamento econômico e social do Império português por meio de novas práticas administrativas.

Mais do que a ruptura radical de sua relação com o poder público – representada pelos anos passados na prisão e, posteriormente, pelo exílio voluntário em Londres –, importaria refletir sobre a ruptura que se efetiva em outro nível, quando, ao editar o *Correio Braziliense* na capital britânica, Hipólito vai chamar a si aquela tarefa que, como bem apontava Jussara Quadros, havia se tornado atribuição do Estado. De agora em diante, cabe a ele *converter saber em pedagogia*, nas páginas de seu periódico.

De viagem oficial à viagem de pesquisa; de viagem de aprendizado à viagem de produção de conhecimento; de aluno a mestre; de

⁸⁹ QUADROS, Jussara. *Estereotípias: literatura e edição no Brasil na primeira metade do século XIX*. Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. p. 32.

ESCRITOS

leitor a autor e, mais tarde, editor – eis o longo caminho que percorre Hipólito da Costa até a fundação do *Correio Braziliense*, dez anos depois de sua expedição à Filadélfia.